

Comunicado de imprensa

Die Zunge an den Gaumen nähén / Coser a Língua ao Céu-da-Boca

Instalação / escultura / performance

Exposição individual de Gustavo Sumpta em Berlim

Curadoria: Tiny Domingos

Local: rosalux – the Berlin-based art space

Wriezener Str. 12, 13359 Berlin

25 fevereiro – 25 março 2017

de quarta-feira a sábado, 14 – 18 h e por marcação

Aberto durante o Kolonie Weekend (26.02.): 14 – 18 h

Performance: 11 de março 2017, 19.30 h

A rosalux tem o grande prazer de anunciar a primeira exposição individual na Alemanha do performer e artista plástico português Gustavo Sumpta. A exposição abrirá no dia 24 de fevereiro e estará patente até 25 de março. Uma performance terá lugar a 11 de março, às 19.30 h.

Combinando objetos do quotidiano, vídeo e esculturas numa grande intervenção espacial, Gustavo Sumpta irá transformar o espaço expositivo numa instalação imersiva. Uma nova série de esculturas será apresentada pela primeira vez ao público.

A exposição "Coser a Língua ao Céu-da-Boca" tem como ponto de partida o filme de Charles Laughton "A Noite do Caçador" de 1955, em que Robert Mitchum encarna Harry Powel, um terrível manipulador e sedutor que se faz passar por pastor para atingir os seus fins. As suas homilias parodiam os sermões radiofónicos e a eufórica e próspera América dos anos cinquenta e ecoam fortemente na atual era Trump. O filme é também um retrato plural de artistas generosos rejeitados pela moral do seu século.

Sobre o artista:

Ao longo dos últimos 15 anos, Gustavo Sumpta tem-se afirmado com um dos mais conceituados nomes da arte performativa em Portugal. A sua obra prescinde de dispendiosos meios tecnológicos e de grandes efeitos ex-machina. O seu despojamento é radical e incompatível com uma observação menos atenta. O artista exige do público a mesma atenção redobrada e o mesmo cuidado com que trabalha: uma concentração máxima para acompanhar plenamente as suas performances (em que o desenlace final se segue a um longo e cativante crescendo) e para vislumbrar na penumbra o inquietante mas poético mistério de pequenos gestos repetidos até à exaustão. Pedras da calçada, lajes, barreiras, bidões, fitas de cassetes de vídeo, câmaras-de-ar de bicicleta e papel higiénico. Os materiais que utiliza são pobres. Muitos deles já se encontram no local das suas intervenções ou ali por perto. Estamos longe de uma produção de grandes objetos glamorosos para fins comerciais. Tão pouco se trata aqui de imposição, de transformação ou de demonstrar um qualquer bom gosto ou know-how técnico. A sua prática artística passa pela apreensão do Genius loci, pela revelação do lado oculto dos elementos aparentemente banais que encontra (por exemplo virando as lajes do pavimento) bem como das tensões sociais e psicológicas que nos esforçamos por recalcar.

Nada de "l'art pour l'art". O assunto aqui é sério. Trata-se de vida ou de morte. De um inesperado ajuste de contas numa viela escura, da possibilidade do sangue correr a pique, do sopro da valeta envolver tudo e todos.

Impossível haver maior drama. Nesta hora da verdade, revelam-se finalmente as nossas mais secretas turpitudes e abrem-se as portas à verdadeira resistência e à implacável catarse que tudo arrasta consigo para apenas deixar uma benfazeja tabula rasa.

Gustavo Sumpta nasceu em 1970 em Luanda, cidade onde permaneceu após o Êxodo dos Portugueses de Angola (sobretudo a partir de 1975). O pós-colonialismo não é para ele uma abordagem académica ou uma perspetiva curatorial mas uma realidade vivida na primeira pessoa como único aluno branco da sua escola e do seu bairro durante os altos e baixos da Angola do período pós-independência. Uma experiência intensa que se reflete na contundência e na vitalidade sem rodeios da sua prática artística. Aos 18 anos, veio para Portugal onde estudou História e se formou em artes performativas no Porto. Trabalhou com nomes sonantes das mais diversas disciplinas artísticas: com o realizador Pedro Costa, com o coreógrafo João Fiadeiro e com o escultor Rui Chafes. Experiências interdisciplinares que vêm reforçar a sua obra. Nela encontramos uma densidade dramática, um depurado cuidado estético, uma respiração e um olhar muito particular que o cinema de autor português popularizou internacionalmente e que estão intimamente ligados ao contexto sociocultural, a formas de resistência estética e ao "modus vivendi" lusitano. (T.D.)

Apoio: Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa

FB Event link: www.facebook.com/events/249309005519327

www.rosalux.com

Sobre a rosalux:

a rosalux é um espaço artístico independente sem fins lucrativos e com uma programação internacional, dirigido pelo artista plástico Tiny Domingos em Berlim. Nos últimos 10 anos, a rosalux tem contribuído para a divulgação internacional do trabalho de vários artistas portugueses ou baseados em Portugal (entre outros: Paulo Mendes, Pedro Calapez, Gonçalo Pena, Isabel Ribeiro, Ângelo Ferreira de Sousa, Nuno Coelho, Miguel Bonneville, Sara e André, Rui Mourão, Nuno Vicente, Rachel Korman, António Contador, José Carlos Teixeira, Rita Castro Neves, João Felino, Tiago Batista).

Em 2015, a rosalux foi galardoada com o Prémio "Project spaces" da Cidade de Berlim.

Próximas exposições:

- 01.04. - 21.04. Correspondências, com Amarante Abramovici, João Vasco Paiva, Maria Covadonga Barreiro, Sérgio Leitão, Tânia Dinis e curadoria de Eduarda Neves*
- 29.04. - 19.05. Exposição individual, Ulu Braun (instalação vídeo e esculturas)
- 25.05. - 28.05. "Foreign Affairs", Projects Platform, rosalux em Atenas
- 25.08. - 16.09. "Stupid as a painter", Niek Hendrik (pintura)

* Projeto apoiado pela Direção Geral das Artes no âmbito do programa de Internacionalização das Artes | 2016